

---

# A INFLUÊNCIA DO GADO AÇOREANO NO MELHORAMENTO DA BOVINICULTURA MADEIRENSE

---

DR. CARLOS DE FRANÇA DÓRIA  
DR. JOSÉ MANUEL FONSECA

---

## I — Caracterização da bovinicultura madeirense

A bovinicultura madeirense debate-se com dificuldades de vária ordem, entre as quais a falta de pastagens naturais ou artificiais, a orografia caprichosamente acidentada e a extraordinária pulverização, que mal consente aos agricultores, na maioria dos casos, áreas suficientes para o cultivo dos produtos agrícolas indispensáveis à subsistência dos seus agregados familiares.

Com efeito, a estrutura agrícola que existe só com grande esforço colectivo permitirá transformações. Atentemos na forma de exploração, dimensão e pulverização. Assim, 89% das explorações têm menos de 1 ha e 96% menos de 2 ha.

Por outro lado, teremos de acrescentar que 92% das empresas agrícolas são do tipo familiar.

O efectivo bovino é presentemente composto por animais pertencentes aos troncos Frisia, Red-Danish e "Mestiço Madeirense".

Este último, denominado "Gado da Terra" é um produto resultante de cruzamentos vários entre raças nacionais e estrangeiras, com especial realce para a Minhota, Algarvia, Holandesa, Ayrshire, Jersey, Normanda, etc., importadas desde os anos mais recuados do povoamento da Madeira com destaque para a influência inglesa.

De fraca produção leiteira (em média 1.300 L/lactação) e de meã corpulência (em média 20 kg de peso à nascença), mas de grande sobriedade e rusticidade, características que derivam das condições mesológicas locais, foram considerados, do ponto de vista étnico, como uma sub espécie (Tierno) distinguindo-se, quanto à pelagem, duas variedades: vermelha e alvaça.

Face aos reduzidos índices de produtividade, achou-se por bem, no início da década de sessenta, introduzir a raça Red-Danish, cujos resultados foram satisfatórios, duplicando-se não só a produção de leite como o peso do vitelo à nascença, sem contudo se perder as qualidades de resistência e de sobriedade nos animais cruzados. Ocupa 27% do efectivo total.

Outrossim ocorreu com a Frisia, tentativas isoladas levadas a efeito por entidades particulares, normalmente gado oriundo da Inglaterra e Holanda.

Nos dias de hoje, é o tipo que ocupa maior fatia no conjunto dos bovinos (37%) e que para tal concorreu a profusão dele mesmo a facilidade de aquisição, nomeadamente no mercado açoreano e a valorização dos produtos, com especial relevância a do leite.

Uma palavra é devida à alimentação e estabulação.

Os animais são alimentados, em grande parte, com ervas espontâneas e sobras das culturas agrícolas, acrescidas, nalguns casos, com uma complementação em alimentos compostos.

Relativamente à estabulação, só dizemos que ela é permanente, "escura e fechada" no tradicional "palheiro", ao longo das encostas, havendo mais palheiros que vacas, pois estas transitam em conjugação com as necessidades em matéria orgânica.

Como corolário deste enunciado, infere-se que a produção animal estará sempre condicionada na Região Autónoma da Madeira, mesmo aquelas em que as unidades biológicas possam ser instaladas sem terra.

A insularidade é um problema real e que, por si só, origina uma especialidade de padrões de produção com custos próprios à dimensão do mercado.

É inegável que a pecuária com terra sofre ainda o embate do custo da unidade terra, com especial incidência na bovinicultura. Torna-se indiscutível que a Região Autónoma da Madeira não possui condições naturais para uma bovinicultura fluorescente, como é o caso ímpar da Região Autónoma dos Açores, mas ternas para a possível e a real.

Em boa verdade, não se pode escamotear a força económica que a vaca assume para a maioria dos empresários agrícolas, pois é ainda através dela que o mesmo faz face às despesas do quotidiano, comportando-se numa expressão feliz do Colega Fonseca, como a "Slot-Machine" do empresário.

Sublinhe-se ainda o papel que a vaca representa como fonte geradora de matéria orgânica para as culturas hortícolas, frutícolas e florícolas.

Esta função, muito importante, vem causando sérias apreensões por virtude da diminuição dos efectivos bovinos.

### II — Repercussões do gado açoreano

Por razões demais conhecidas de todos, a conjuntura política após o 25 de Abril, condicionava o recurso ao mercado externo em todas as áreas comerciais, inclusive a da aquisição de animais, ainda que fosse normal propalar-se que o produto estrangeiro era melhor.

Plenos conhecedores do meio, desde a mentalidade do agricultor até ao maneio dos animais e forma de estabulação, sempre defendemos que a melhor orientação seria o mercado Açoreano. Naturalmente que este sentimento repousava em contactos experimentais adquiridos em empresas, para além de um forte conhecimento das "performances" do gado Açoreano.

Daqui resulta que o Governo Regional empreendesse uma acção de melhoramento, entre outras, adquirindo anualmente bezerras entre seis meses e um ano de idade nos viteiros da Ilha de São Miguel, após prévia escolha por Médico-Veterinário. (Na oportunidade cabe uma palavra de louvor à colaboração técnico-sanitária prestada pelos Serviços Veterinários da Ilha de São Miguel nos objectivos definidos por nós).

Estes animais foram vendidos à lavoura madeirense a preço de fomento, isto é, o preço era o da factura, ficando a cargo da Secretaria Regional da Economia, o valor do transporte.

Assim, entre Setembro de 1975 e Julho de 1985, foram adquiridos 5623 bovinos, a que correspondeu um dispêndio de Esc. 180 863 686\$00.

É certo que nem todos os animais apresentaram aptidão leiteira, facto já esperado e nada incomodativo, uma vez que as bezerras eram compradas a preço de carne e como tal, a Região Autónoma da Madeira beneficiava nesta função.

Se nos debruçarmos sobre a produção leiteira, na Região Autónoma da Madeira, nos anos a que se reporta a aquisição de gado (1975-1985), podemos constatar que no ano de 1978 se regista uma entrega à União das Cooperativas Agrícolas de Lactíceos e de Produtores de Leite da Ilha da Madeira de 5320 milhares de litros contra os 4996 milhares de 1977. Este aumento foi-se acentuando até ao máximo atingido no ano 1982 — 9736 milhares de litros, sendo para nós muito expressivo os aumentos conseguidos nos anos de 1979 e 1980 que se traduziram em mais de 3 milhões de litros de leite.

Este valor é, em nossa opinião, reflexo da política seguida e por melhoria do mérito leiteiro da vaca.

Não obstante, a delapidação do efectivo ser uma constante, há uns anos a esta parte, a verdade é que a diminuição da produção leiteira não o foi na razão directa o que vem corroborar a justeza das medidas de ordem zootécnica, então tomadas.

Refira-se que entre 1973/1977, houve um decréscimo de 2239 vacas, mais se acentuando nos finais de 1986, cujo valor ultrapassam os 50 %.

Daqui se infere, e com base na experiência obtida, que o recurso ao mercado Açoreano continua a ser uma proposta válida para a bovinicultura madeirense, no entanto nem sempre conseguida dadas as dificuldades impostas pelos deficientes fluxos de transporte de mercadorias vivas entre estas duas Regiões Autónomas.

Em conclusão, a bovinicultura madeirense é uma actividade subsidiária de uma agricultura de subsistência, com uma componente social forte, mas com algumas potencialidades de redimensionamento ainda por esgotar, nomeadamente através do aumento e melhoria da qualidade produtiva.

É esta a nossa aposta num futuro que proporcione mais rendimentos ao agricultor e mais qualidade aos consumidores da Região Autónoma da Madeira.